

Proust e a imagem de Proust

Doutoranda Luciana Tiscoski¹

Resumo:

No ano de 1929, sob os auspícios do movimento surrealista e sua corrente de pensamentos guiada pelo onírico universo do inconsciente, reforçado pela reimpressão do Manifesto Surrealista, de Breton, o alemão Walter Benjamin e o brasileiro Jorge de Lima publicam seus ensaios sobre *A la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust Conjugando elementos mnemônicos do passado e da mitologia individual com o passado coletivo, ele forja sua obra e, conforme Benjamin, transforma a narrativa em experiência. Esse encontro ensaístico ocorrido entre Jorge de Lima e Walter Benjamin, e de ambos com Marcel Proust, nos textos contemporâneos Proust e A imagem de Proust deve ser lido como um evento de sincronicidade e confirmação do tempo entrecruzado, que ambos, resguardadas suas distâncias, evocaram para a leitura da *Recherche*.

Palavras-chave: Jorge de Lima, Walter Benjamin, Marcel Proust, reminiscências e surrealismo.

1 Introdução

Em 1919, um piloto comercial francês fazendo escala na base aérea de Alagoas, entregou a obra *A l'ombre des jeunes filles en fleurs*, a Jorge de Lima, à época, um jovem médico, embora desde a infância, poeta. Trata-se do segundo volume de *À la recherche du temps perdu*, em português *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. A leitura de *La Recherche* em sua totalidade deu ensejo ao ensaio *Proust* que foi apresentado por Jorge de Lima no concurso de 1927 para a cátedra de Literatura do Ginásio do Estado, de Maceió, juntamente com o ensaio sobre o Modernismo *Todos Cantam sua Terra*, ambos reunidos no volume *Dois Ensaios*, publicado em 1929. Embora seja afirmado por alguns críticos, como Homero Senna, que Jorge de Lima foi o primeiro a escrever sobre Proust no Brasil, o próprio autor de *Invenção de Orfeu* faz alusão a um texto de Tristão de Athayde, escrito supostamente dois anos antes, em que faz uma comparação, ou antes aproximação, de Proust com o filósofo francês Maine de Biran (1766-1824). Ainda assim, um ensaio inteiramente dedicado a *La Recherche*, foi provavelmente um ineditismo de Jorge de Lima. Ressalte-se, em tempo, que a primeira tradução no Brasil da obra apareceu em 1948, com o primeiro volume, *No caminho de Swan*, tendo sido realizada pelo poeta Mario Quintana.

Walter Benjamin (1892-1940), contemporâneo de Jorge de Lima (1893-1953) teve seu ensaio sobre a *Recherche*, também publicado em 1929, intitulado *A imagem de Proust*. Benjamin publicara, no mesmo ano, seu texto sobre o Surrealismo, em português *O Surrealismo. O último instantâneo da inteligência européia*., onde ele creditava ao movimento a possibilidade de se realizar a experiência através de uma *iluminação profana*¹, “de inspiração materialista e antropológica” (BENJAMIN, 1994, p. 23), embora ponderasse que nem sempre o Surrealismo tenha estado à altura desta iluminação, a qual reivindicava a revolta contra os preceitos estagnantes da moral burguesa, católica e protestante. A inspiração materialista para Benjamin era a capacidade de “pressentir as energias revolucionárias que transparecem no ‘antiquado’” (1994, p. 25). O Surrealismo entra aqui como pano de fundo, porque nesta mesma época, em que Benjamin e Lima escreviam sobre Proust, os surrealistas abriam portas para as imagens e os objetos adentrarem a arte, “o mundo específico das coisas do século XIX” (TIEDMANN, 2007, p. 16), onde Benjamin acreditava estarem as chaves que permitiriam decodificar o presente e ultrapassar os limites

¹ Esse termo é uma das muitas imagens dialéticas que Benjamin utiliza para designação de suas idéias. Enquanto a Iluminação liga-se ao sagrado e ao divino, profanar, conforme Giorgio Agamben em *Profanações* (2007, p. 71) “significa restituir ao uso comum o que havia sido separado na esfera do sagrado.”

históricos consagrados como definitivos e estagnados.

E esta foi a linguagem adotada por Marcel Proust na representação da decadente burguesia francesa. Proust fazia de sua obra um tratado sociológico que “ouvira” o século XIX e traduzia-o no “lado mais subversivo de sua obra”, destruindo os preconceitos da sociedade que examinava com gênio cômico.

[...] pelo riso, ele não suprime o mundo, mas o derruba no chão, correndo o risco de quebrá-lo em pedaços, diante dos quais ele é o primeiro a chorar. E o mundo se parte efetivamente em estilhaços: a unidade da família e da personalidade, a ética sexual e a honra estamental. As pretensões da burguesia são despedaçadas pelo riso. Sua fuga, em direção ao passado, sua reassimilação pela nobreza, é o tema sociológico do livro. (BENJAMIN, 1994, p. 215)

Na obra do alemão de Berlim, Walter Benjamin, assim como na obra do brasileiro de Alagoas, Jorge de Lima, o pensamento de Proust perdura como guia visionário. Para Benjamin, na leitura do passado, Proust faz “o trabalho de Penélope da reminiscência”. Para Lima, ele faz “a rememoração da meninice” ou ainda é chamado pelo poeta de “fetichista da evocação”, um termo que bem poderia ter saído dos ensaios e teses benjaminianos. A infância, as reminiscências, os pensamentos místicos e os eventos de origem teológica, assim como a linguagem imagética e alegórica, são indiscutivelmente atribuíveis aos dois escritores, resguardadas suas distâncias em relação ao estilo e contexto cultural e geográfico. Ainda assim, a aproximação reside na experiência, onde podemos evocar a experiência interior² de Georges Bataille, ou a do próprio Benjamin, que a representava como a escada comum a todos os grandes narradores, que nela se movem para cima e para baixo. Uma escada que chegava até o centro da terra e se perdia nas nuvens, transformando-se então na experiência coletiva. A escada de Benjamin é representada em Jorge de Lima como um ponto a que chega Proust pelos caminhos indicados por seus sentidos. Na reminiscência de seus sentidos da meninice, Proust atingiria então o mais profundo de sua experiência.

Ambos tiveram o mesmo fascínio pelo feito visionário de Proust e o mesmo ímpeto de registrarem esta descoberta, sob os impactos de um mundo entre guerras e a empatia por um movimento de leitura da história como um entrecruzamento de tempos, que atravessa as portas do sonho e das reminiscências.

2 O tempo das reminiscências e as imagens

Benjamin postulava em sua doutrina das semelhanças que “o contexto significativo contido nos sons da frase é o fundo do qual emerge o semelhante, num instante, com a velocidade do relâmpago” (BENJAMIN, 1994, p. 112). A leitura, com seu caráter profano e mágico, teria o condão de revelar essa “semelhança extrassensível”, que para Proust o remete a épocas e lugares já inexistentes.

Em Jorge de Lima, a leitura de suas reminiscências da infância em Alagoas, o sincretismo religioso e demais registros do passado são evidentes no decorrer de toda sua obra (não esquecendo aqui da *Infância em Berlim por volta de 1900*, onde Benjamin expõe as reminiscências imagéticas de sua infância). A memória resgatada da coleção imaginária de Jorge de Lima é transposta à poesia em elaborada imagética, reinventando o eu lírico. Nas passagens entre passado/presente, forma e conteúdo, construção interna e exteriorização da palavra através da escrita, impressão e expressão, consciente e inconsciente, insere-se o poema *Invenção de Orfeu* como uma apropriação de reminiscências, recolhidas estas do compêndio de toda sua trajetória escrita, numa interminável rede

² Chamo experiência uma viagem ao término do possível do homem. Cada um pode não fazer esta viagem, mas, se ele a faz, isso supõe negar as autoridades, os valores existentes, que limitam o possível. Por ser negação de outros valores, de outras autoridades, a experiência tendo uma existência positiva, torna-se positivamente o valor e a autoridade. (BATAILLE. In *A experiência Interior*. 1992, p.15)

intra e inter textual.

Todo o arcabouço de erudição e lírica de Jorge de Lima pode ser ligado a uma noção de história no sentido de resgate de signos, símbolos e metáforas para a compreensão do homem contemporâneo, o homem após a Queda. O alagoano utilizou-se da imagem alegórica do anjo caído muitas vezes para representação do poeta, um anjo daltônico³, incapacitado de distinguir claramente as cores do mundo. Vale lembrar a imagem tantas vezes aludida que Benjamin resgata em suas Teses (Sobre o conceito de história) do anjo de Paul Klee. Trata-se de um anjo já destruído, caído, horrorizado perante o tempo, o anjo da história, o *Angelus Novus*.

Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 1994, p. 226)

A viagem interior do poeta pode ser vista como um *topos* da infância do homem à qual alude Giorgio Agamben (2008, p. 56), onde ocorre a experiência transcendental ou a experiência interior, na relação entre a experiência e a linguagem, pois “é na linguagem que o sujeito tem a sua origem e o seu lugar próprio, e que apenas na linguagem e através da linguagem é possível configurar a percepção transcendental como um ‘eu penso’”. Conforme Breton (1985, p.73), “o espírito que mergulha no surrealismo revive com exaltação a melhor parte de sua infância”. E para Benjamin, a tarefa elementar de Proust foi “fazer a narração de sua própria infância”, a partir de onde a experiência é construída na memória reunindo elementos do passado individual e do passado coletivo.

A partir das reminiscências de Proust, ambos os escritores aqui estudados realizaram sua “experiência” (Erfahrung) com o passado. Benjamin, em sua obra *Sobre alguns temas em Baudelaire*, cita a teoria de Bergson, que situa a memória como estrutura basilar da filosofia da experiência e sugere ainda que Proust ampliou este conceito com a idéia da memória involuntária.

Pode-se considerar a obra de Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*, como a tentativa de reproduzir artificialmente, sob as condições sociais atuais, a experiência tal como Bergson a imagina, pois cada vez se poderá ter menos esperanças de realizá-la por meios naturais. Proust, aliás, não se furta ao debate desta questão em sua obra, introduzindo mesmo um elemento novo, que encerra uma crítica imanente a Bergson. Este não deixa de sublinhar o antagonismo existente entre a *vita activa* e a específica *vita contemplativa*, a qual se abre na memória. No entanto, sugere que o recurso à presentificação intuitiva do fluxo da vida seja uma questão de livre escolha. Já de início Proust identifica terminologicamente a sua opinião divergente. A memória pura – a *mémoire pure* – da teoria bergsoniana se transforma, em Proust, na *mémoire involontaire*. (BENJAMIN, 1989, pp. 105 - 106)

Em seu ensaio, Jorge de Lima dialoga com Benjamin e também alude a Bergson no que se refere ao conceito de tempo e memória em Proust.

Ninguém mais abstratista do que Proust ou Bergson. O tempo para eles é coisa mais relativa do que o espaço de uma só dimensão, com o passado para trás e o

³ Referência a poema sem título, de *Livro de Sonetos*, de Jorge de Lima. In: *Jorge de Lima. Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997, p. 490.

futuro para frente. Quem vai nesta direção sagital pode algumas vezes apertar a mão do homem que se era no passado. Pode-se procurar o tempo que se perdeu e se pode achá-lo sem querer, como quando nós reencontramos um objeto perdido e esquecido em velho móvel anos e anos que de repente surge do nosso subconsciente intacto. Intacto? Não. O tempo não tem importância para Proust, isto é, o tempo absoluto, newtoniano que opera na direção sagital uma série pontual de modificações não existe, ou é como se não existisse: o objeto esquecido volta enriquecido até. (LIMA, 1929, p. 57-58)

“O objeto esquecido volta enriquecido” leia-se no ensaio de Benjamin (1994, p. 37), que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites”, justamente por conter o esquecido, “uma chave para tudo o que veio antes e depois”. E o “apertar a mão do homem que se era no passado” não remete igualmente ao “salto do tigre em direção ao passado” que postulou Benjamin nas Teses sobre a história? A direção sagital evocada por Lima é a mesma força viril que faz saltar pelos ares o *continuum* da história, reivindicado por Benjamin como inerente ao materialista histórico.

Tanto para Benjamin como para Lima as reminiscências e a maneira como estas são transpostas da inconsciência para a consciência são preponderantes na leitura do tempo de Proust. Mas considero importante aprofundar um pouco mais, na medida do possível⁴, a exposição da idéia de Benjamin de uma releitura da história. Benjamin se opunha a uma teoria do progresso tanto quanto a uma imagem do passado ligado à tradição. Entre os dois tipos de experiências que para Benjamin constituem diferentes maneiras de transmitir (narrar) uma história, a experiência particular, individual (*Erlebnis*) e a experiência coletiva (*Erfahrung*), há um espaço temporal e circunstancial que coloca a experiência coletiva como impossibilitada de se realizar com o advento da modernidade.

3 Experiência

Rolf Tiedemann, na *Introdução à Edição Alemã de Das Passagen-Werk (Passagens*, na edição brasileira) sintetiza esta idéia de Benjamin de uma maneira esclarecedora. O presente deve ser “lido” com elementos que aproximem o passado do cotidiano, do “agora”, assim como o passado também só se torna compreensível na medida em que se assemelha a elementos do presente e não ao espaço mitológico, já inapreensível para o homem moderno. Por isso, tão fundamentais eram para Benjamin o conceito do materialista histórico ou do colecionador, que encontravam nos objetos as chaves para a compreensão do mundo. O materialista histórico, assim como o colecionador de Benjamin “aproxima-se de um objeto histórico única e exclusivamente onde este se lhe apresenta como mônada”, ou seja, os objetos e imagens deveriam expressar o mundo, deveriam ser lidos com seu “índice histórico”, onde o presente se imobiliza e faz-se possível a leitura de um tempo “saturado de ‘agoras’” (BENJAMIN, 1994, p 229).

Assim também é compreensível a escolha de Benjamin por Baudelaire e Proust como transmissores desta compreensão de mundo no século XIX traduzido na modernidade. Essa atribuição da arte, aqui mais especificamente da literatura, é praticamente a mesma a que se refere Jorge de Lima com relação a Proust:

Há uma literatura vinculante da realidade ao objeto, tocando-o, medindo-o, comparando-o; e há uma literatura que saca o objeto do interior do artista onde este objeto dormia aparentemente e surge para a vida, rico das aquisições que o subconsciente lhe deu, um novo objeto transfigurado pelo artista. (LIMA, 1929, p.52)

⁴ Não há aqui a pretensão de aprofundar o tema com relação aos conceitos de Benjamin sobre a história, bom como sobre os conceitos de *Erfahrung* e *Erlebnis*, pois se trata de uma filosofia que atravessa toda sua obra. Para este trabalho que me proponho apresentar, caso houvesse espaço e estofo teórico para tanto, seria de especial relevância o estudo aprofundado dos textos *O narrador* e das teses *Sobre o conceito da história*.

Apesar da impossibilidade apregoada por Benjamin, de viver a experiência coletiva, devido à distância do artesanal e à aproximação com o industrial, Proust utiliza-se de sua experiência particular para buscar as semelhanças de seu passado individual com o presente da experiência coletiva. Embora bastante longa, convém que se transcreva como citação um trecho do último volume de *Em Busca do Tempo Perdido*, *Le temps retrouvé*, traduzido para o português como *O tempo recuperado* ou *O tempo redescoberto* que, somando-se a muitos outros trechos, traduz este olhar do passado para o presente através dos objetos.

Certos espíritos que apreciam o mistério preferem acreditar que os objetos conservam algo dos olhos que os contemplaram, que os quadros e monumentos só nos surgem debaixo do véu sensível que lhes teceram o amor e a contemplação de tantos adoradores durante séculos. Tal quimera se transformaria em verdade se eles a transpusessem para o domínio da única realidade de cada um, para o domínio da sua própria sensibilidade. Sim, neste sentido, e unicamente neste (mas de forma bem mais ampla), uma coisa para a qual olhamos antigamente, se voltamos a vê-la, traz-nos de novo, juntamente com o olhar que pousamos nela, todas as imagens que a preenchiam outrora. [...] De modo que a literatura que se contenta em “descrever as coisas”, em delas fornecer apenas um miserável sumário de linhas e superfícies, é a que, intitulando-se realista, se mostra a mais afastada da realidade, a que mais nos empobrece e consterna, pois corta bruscamente toda e qualquer comunicação do nosso eu presente com o passado, do qual as coisas conservavam a essência, e com o futuro, onde elas nos incitam a saboreá-lo de novo. (PROUST, 1995, p. 194)

Proust afirma ainda que, com o fracasso do realismo, resta-nos o aprendizado de que esta essência conservada nas coisas é ‘subjativa e incomunicável’. Podemos ler em Jung, citado por Benjamin e Lima por sua exploração dos sonhos e por sua teoria da memória coletiva, que

*Donc, un mot ou une image sont symboliques lorsqu'ils impliquent quelque chose de plus que leur sens évident et immédiat. Ce mot, ou cette image, ont un aspect 'inconscient' plus vaste, qui n'est jamais défini avec précision, ni pleinement expliqué.*⁵ (JUNG, 1964, p. 22)

E aqui temos um movimento que propõe uma viagem à experiência do inconsciente, o Surrealismo, criado como questionamento à lógica do positivismo, inaugurado sob os auspícios da linguagem e imagem dos sonhos e da escrita automática, o fluxo aleatório de palavras oriundas do imaginário. E não é por acaso que Jorge de Lima, tão fortemente influenciado pela linguagem imagética do Surrealismo, tenha escrito, em 1929, em plena efervescência do movimento no Brasil, na ascensão do Modernismo, um ensaio sobre Proust.

Dando prosseguimentos às afinidades de pensamento e aproximações possíveis entre os dois ensaios, é interessante perceber, inclusive, a utilização de ambos do recurso de outra imagem ou metáfora para descreverem seu entendimento de Proust, ou do narrador de Proust, Marcel, em meio à sociedade dos salões. Pode ser mera coincidência, mas é curioso ambos terem aludido aos insetos. Se em Benjamin lemos que “Proust vencia a tristeza sem consolo de sua vida interior, e construiu, com as colméias da memória, uma casa para o enxame dos seus pensamentos” (BENJAMIN, 2007, p. 245), lemos em Jorge de Lima um extenso trecho onde Proust é comparado a um entomologista. Suas considerações são extremamente próximas da compreensão de Benjamin do colecionador, “para quem as coisas se enriquecem através do conhecimento de sua gênese e sua duração na história”. Conforme Lima,

⁵ Assim, uma palavra ou uma imagem são simbólicas desde que impliquem qualquer coisa a mais do que o sentido evidente e imediato. Esta palavra, ou esta imagem, tem um aspecto inconsciente mais vasto, que nunca é definido com as devidas precisão e explicação.

[...] diferente do entomologista profissional, em vez de buscar os seus insetos no campo, (Proust) ia colhê-los nos salões, naqueles esplêndidos salões do Faubourg Saint-Germain onde eles rodavam em torno da luz. Levou anos conhecendo aquele mundo, dissecando aquela gente, parando em detalhes, ligando tanta importância à *toilette en rouge et lès rubis* da Duquesa de Guermantes, quanto o naturalista a uma borboleta noturna que entrasse no seu gabinete de estudos com asas vermelhas e patas escarlates. (LIMA, 1929, p. 68)

No texto *A imagem de Proust*, Benjamin relata a idéia de Ortega y Gasset sobre a “vida vegetativa” dos personagens proustianos “entrelaçados na floresta do seu destino”. (BENJAMIN, 1994, p. 43) O observador Proust, ou Marcel, passa então do entomologista de Lima para o próprio inseto em Benjamin, aquele que pousa nas folhagens, flores e demais plantas que se espalham formando a vida social vegetativa. Há um mesmo mimetismo evocado por ambos os autores em seus ensaios. O que torna plausível que Lima tenha lido Benjamin, mas não há referência a esta leitura, ao menos até onde alcancei em minhas pesquisas.

No livro das *Passagens*, talvez a principal coleção de Benjamin, o capítulo dedicado ao colecionador finaliza com uma referência a Proust, onde considera que a memória involuntária e o colecionador têm como característica uma desordem produtiva, onde os objetos encontram suas semelhanças, ‘afinidades indefinidas’, em tempos e espaços guardados nos recônditos das reminiscências. E “a memória voluntária é um fichário que fornece um número de ordem ao objeto, atrás do qual ele desaparece.” (BENJAMIN, 2007, p. 246).

Lima também classifica a memória determinando-lhe diversos desdobramentos. Haveria três planos do real para Proust. O primeiro, representado pela memória voluntária, que seria enriquecida por aquisições do subconsciente; o segundo, o plano da memória involuntária, normalmente provocada pelos sentidos, que fariam surgir “o homem extratemporal dentro do espaço extratemporal” e o terceiro plano, chamada por Lima de verdade estática, onde estariam os momentos “mais deliciosos”, praticamente indescritíveis. Convém ressaltar o termo utilizado por Jorge de Lima para classificar os dois primeiros planos, como uma ascese de “mística profana”, o que nos aproxima da iluminação profana de Benjamin e da absorção mística a que ele se refere logo no início de seu ensaio sobre a *Recherche*. Para Benjamin, os volumes que compõem a obra de Proust, “são o resultado de uma síntese impossível, na qual a absorção do místico, a arte do prosador, a verve do autor satírico, o saber erudito e a concentração do mono-maníaco se condensam numa obra autobiográfica.” (BENJAMIN, 1994, p. 36)

Para Lima, o mundo proustiano traz uma “nebulosa”, que “é a memória sempre intermitente, mas tão preponderante que anula o tempo e veste as suas criaturas de um atributo constitutivo: a duração.” (LIMA, 1929, p. 55). Essa duração prefigurada por Lima é marcada pela instabilidade do homem e da natureza, portanto, marcada pelo relativismo.

Benjamin cita mais uma vez Bergson em relação a Proust quando alude à simpatia do autor de *La recherche* pela idéia da *durée* (duração) “que libera a alma humana da obsessão do tempo” (BENJAMIN, 1989, p. 131). E Benjamin também relativiza essa duração e a chama de “reverso continuum da recordação”, onde acontecem as intermitências, ou intervalos, e onde o tempo é relativo, na medida em que pode ser lido a partir da rememoração particular.

Seria lícito dizer que todas as vidas, obras e ações importantes nada mais são que o desdobramento imperturbável da hora mais banal e mais efêmera, mais sentimental e mais frágil, da vida do seu autor? Quando Proust descreve, numa passagem célebre, essa hora supremamente significativa, em sua própria vida, ele o faz de tal maneira que cada um de nós reencontra essa hora em sua própria existência. (BENJAMIN, 1994, p. 38)

Outro traço da sincronicidade dos pensamentos de Benjamin e Lima em seus ensaios sobre Proust diz respeito à relação da memória com os sentidos. As impressões da memória, os odores, a posição do corpo, a sonoridade de uma melodia ou de barulhos cotidianos, encontrados na obra de Proust como ressonâncias da memória, são preponderantes para ambos.

[...] se quisermos captar com pleno conhecimento de causa a vibração mais íntima dessa literatura, temos que mergulhar numa camada especial, a mais profunda, dessa memória involuntária, na qual os momentos da reminiscência, não mais isoladamente, com imagens, mas informes, não-visuais, indefinidos e densos, anunciam-nos um todo, como o peso da rede anuncia sua presa ao pescador. O odor é o sentido do peso, para quem lança sua rede no oceano do *temps perdu*. E suas frases são o jogo muscular do corpo inteligível, contêm todo o esforço, indizível, para erguer o que foi capturado. (BENJAMIN, 1994, p. 49)

A memória involuntária está localizada nos sentidos do narrador. Para Jorge de Lima, através dos sentidos, Proust “atingia o mais profundo de suas experiências”. Essas experiências são transpostas às imagens, na rememoração do sentido visual. Uma das imagens recorrentes na obra de Proust e também na do autor de *Mira-Celi* eram os sinos das catedrais. Jorge de Lima imediatamente identifica-se e traz para seu universo particular de reminiscências os sinos de Marcel e refere-se a sua própria “meninice”, quando não havia coisa que mais chocasse seus sentidos do que o templo católico “com o sonoro dos órgãos e dos cânticos, com o cheiro das flores e do incenso, com as cores vivas dos paramentos, com a movimentação rica das cerimônias [...]” (LIMA, 1929, p. 19).

É interessante perceber, no entanto, a questão sexual, uma influência perceptível de Jung no pensamento analítico de Jorge de Lima. O autor confere uma significância de fundo sexual à fascinação de Proust pelos sinos e as setas góticas das catedrais, fazendo uma longa digressão com o auxílio de teorias de Jung que caracterizariam esta fascinação como transferências. Para Lima, a igreja substitui a mãe (como a avó, uma das fixações de Proust no decorrer da obra) e segue na digressão onde Jung analisa a homossexualidade ligada à figura da mãe e à Igreja. As flechas ou setas seriam a representação do masculino e, segundo Lima, através de sua obra, Proust “fugiu à perversão”, tendo se “confessado”, “analisado”, “emprestando-se a seus personagens, descobrindo-se neles”. Mas não se trata aqui de entrarmos numa análise psicanalítica de Proust no que se refere a sua sexualidade e religiosidade. Esta alusão foi feita apenas como marca de um traço curioso do católico quase militante Jorge de Lima.

Mas a alusão a algo libidinoso ligado aos símbolos ostentados nos pórticos da catedrais também aparece no ensaio de Benjamin. Há uma clara alusão ao “vício da lisonja” a qual Proust teria sucumbido na vida dos salões, bem como um vício da curiosidade, que Benjamin relaciona em certo momento com o sorriso das “virgens insensatas, esculpidas no pórtico das catedrais que ele (Proust) tanto amava.

Esses dois ensaios, com sua profunda correspondência, como se houvera uma conversa entre o poeta alagoano e o pensador berlinense, trazem ainda duas últimas peculiaridades. Os dois autores identificam Proust com dois mestres das artes plásticas do Renascimento, Michelangelo e Leonardo Da Vinci. Jorge de Lima (1929, p.45) postula:

E foi reagindo *inlassablement*, confessando-se, dissecando o seu vício, como Leonardo da Vinci dissecava os seus cadáveres, que Proust conseguiu realizar a sua obra.

E Walter Benjamin (1994, p. 49) sentencia:

Pela segunda vez, ergueu-se um andaime como o de Miguel Ângelo, sobre o qual o artista, com a cabeça inclinada, pintava a criação do mundo no teto da capela Sistina: o leito de enfermo, no qual Marcel Proust cobriu com sua letra as incontáveis páginas que ele dedicou à criação do seu microcosmos.

Outra peculiaridade diz respeito à criação de Lima nas artes plásticas. *A pintura em pânico*, de 1943, é a única edição completa das fotomontagens de Jorge de Lima. A fotomontagem ou colagem é um procedimento típico do Surrealismo e com fortes influências do pintor surrealista, com estréia no dadaísmo Max Ernst, um dos precursores da técnica da colagem. Nas fotomontagens de Jorge de Lima há muitas figuras femininas, embora algumas sugiram híbridos ou duplos, como em *O julgamento do tempo*, retratando um ser quase andrógino com seu escafandro segurando perdurada uma cabeça de mulher; outra apresenta um corpo de mulher envolto num casaco de peles ostentando a cabeça de um gorila, o que remete a Grandville e suas gravuras, onde animais ou coisas tomavam o lugar dos homens, e ainda algumas muito próximas a DeChirico, como o corpo de uma mulher com um rosto em branco, tendo ao fundo um indivíduo minúsculo e solitário com sua sombra, perante a quase onipresença do grande ser sem rosto. Não caberia aqui o desvelamento desta outra afinidade Benjamin/Lima, mas também não faria sentido deixar de lado este curioso traço que se estende à fotomontagem, procedimento tão evidenciado por Benjamin, bem como sua admiração pelo trabalho de Grandville que, “estende a autoridade da moda aos objetos de uso diário, tanto quanto ao cosmos.” (BENJAMIN, 2007, p. 45) E continuava atribuindo a Grandville a capacidade de traduzir a modernidade, revelada no conflito dos objetos com o orgânico, “unindo o corpo vivo ao mundo inorgânico”.

Conclusão

Para finalizar, é válido fazer menção aos comentários que Jorge de Lima faz no ensaio sobre os judeus. Dentre outras, Lima cita como a maior característica dos judeus a sua “memória de profeta capaz, de pela experiência conservada e intacta do passado, projetar-se para adiante, no futuro”. Ele fala de Proust, mas poderia estar falando de Benjamin, também fortemente marcado por sua origem judaica.

Esse encontro ‘extra temporal’ como o ocorrido entre Jorge de Lima e Walter Benjamin, e de ambos com Marcel Proust, nos ensaios *Proust* e *A imagem de Proust* deve ser lido como um evento de confirmação do tempo entrecruzado como o tempo em sua forma mais real. É como deve ser compreendida senão a literatura e a história como um todo, ao menos a leitura que delas fizeram esses pensadores. É no universo dos entrecruzamentos que se revela o “mundo em estado de semelhança”, onde reinam as correspondências que nos permitem a compreensão do hoje.

Cada uma das afinidades entre os textos de Benjamin e Lima, assim como entre idéias que percorrem outras obras de ambos os autores, poderiam ser analisadas em suas particularidades que certamente abririam muitos caminhos para conceitos benjaminianos ainda não esgotados pela crítica e demais estudos teóricos. Muitas gavetas dos antigos móveis da memória de Jorge de Lima dialogam com as gavetas de Walter Benjamin. Este ensaio, portanto, é apenas um esboço para um estudo pormenorizado ainda em seu início, sem a pretensão neste momento de demonstrar nada mais que afinidades de pensamentos, revelados em imagens poéticas das reminiscências.

Referências Bibliográficas

- 1] BENJAMIN, Walter. *O Surrealismo. O último instantâneo da inteligência européia. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- 2] TIEDMANN, Rolf. *In: Passagens / Walter Benjamin*. Edição alemã de Rolf Tiedmann. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

- 3] BENJAMIN, Walter. *A imagem de Proust. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- 4] BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. São Paulo: Ática. 1992.
- 5] BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- 6] BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, v. II, *Rua de mão única*, trad. de R.R. Torres F. e J.C.M. Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- 7] LIMA, Jorge. *Jorge de Lima – Obra Completa*. Volume I – poesia e ensaios. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda., 1958.
- 8] LIMA, Jorge. *Jorge de Lima – Poesia Completa*. Organização de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- 9] BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- 10] AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história – Destruição da experiência e origem da história*. Tradução: Celso Libânio Coutinho, Magali Montagné e Antonio Ceschin. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- 11] BRETON, André. *Manifestos do surrealismo*. Tradução: Luiz Forbes. Prefácio: Cláudio Willer. Brasiliense: São Paulo, 1985.
- 12] BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução: José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- 13] LIMA, Jorge de. *Proust*. In: Dois ensaios. Alagoas: Edições da Casa Ramalho, 1929. *Jorge de Lima – Poesia Completa*. 2ª ed. Seleção de Gilberto Mendonça
- 14] PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido – O tempo recuperado*. Vol. VII. Tradução: Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro S.A., 1994.
- 15] JUNG, Carl Gustave. *Essai d'exploration de l'inconscient*. Paris: Éditions Gonthier, 1964.
- 16] BENJAMIN, Walter. *Passagens / Walter Benjamin*. Edição alemã de Rolf Tiedmann. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- 17] BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução: José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- 18] _____. *Jorge de Lima – A pintura em pânico*. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda., 1958.
- 19] *O poeta insólito – Fotomontagens de Jorge de Lima*. Edição organizada por Ana Maria Paulino. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1987.

ⁱ Autor

Luciana TISCOSKI, Doutoranda.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
E-mail: lutis@terra.com.br